



FOLHA DOMINICAL

Apresentação do Senhor

Primeira Leitura (Ml 3, 1-4)

Assim fala o Senhor Deus: «Vou enviar o meu mensageiro, para preparar o caminho diante de Mim. Imediatamente entrará no seu templo o Senhor a quem buscais, o Anjo da Aliança por quem suspirais. Ele aí vem – diz o Senhor do Universo –. Mas quem poderá suportar o dia da sua vinda, quem resistirá quando Ele aparecer? Ele é como o fogo do fundidor e como a lixívia dos lavandeiros. Sentar-Se-á para fundir e purificar: purificará os filhos de Levi, como se purifica o ouro e a prata, e eles serão para o Senhor os que apresentam a oblação segundo a justiça. Então a oblação de Judá e de Jerusalém será agradável ao Senhor, como nos dias antigos, como nos anos de outrora.

Este oráculo surge em resposta a uma questão que questiona a justiça de Deus, devido à situação de miséria que o povo atravessa, em contraste com a prosperidade de que desfrutam os malvados (Mal 2,17). O profeta oferece uma resposta categórica através destas palavras: Deus virá para julgar. Quando esse dia chegar, ocorrerá a justa retribuição. A imagem do fogo e da lixívia evoca um processo de purificação necessário para que as ofertas apresentadas ao Senhor sejam novamente agradáveis. Esta purificação porá fim aos abusos denunciados no início do livro (1,6–2,9). A chegada de Deus será precedida pela de um mensageiro que, mais tarde, é identificado com Elias (Mal 3,23). Esta profecia de Malaquias deu origem à crença no retorno de Elias como um sinal da chegada do fim dos tempos. O evangelista Marcos citará Malaquias 3,1 no início do seu evangelho (Mc 1,2-3), referindo-se a João Batista, não como precursor da chegada de Deus, mas da vinda do Messias. A leitura é respondida com o Salmo 23, uma oração de louvor a Deus como Criador e Rei vitorioso. A assembleia entoia, a dois coros, um cântico de entrada às portas do templo em honra do Senhor, descrito como um rei que regressa após uma vitória. O tom é ritual e as portas do templo adquirem um caráter personificado, pois podem opor-se e resistir à entrada de Deus. Como símbolo de domínio e poder, devem abrir-se docilmente, em atitude de reconhecimento e entrega.

Segunda Leitura (Hebr 2, 14-18)

Uma vez que os filhos dos homens têm o mesmo sangue e a mesma carne, também Jesus participou igualmente da mesma natureza, para destruir, pela sua morte, aquele que tinha poder sobre a morte, isto é, o diabo, e libertar aqueles que estavam a vida inteira sujeitos à servidão, pelo temor da morte. Porque Ele não veio em auxílio dos Anjos, mas dos descendentes de Abraão. Por isso devia tornar-Se semelhante em tudo aos seus irmãos, para ser um sumo sacerdote misericordioso e

fiel no serviço de Deus, e assim expiar os pecados do povo. De facto, porque Ele próprio foi provado pelo sofrimento, pode socorrer aqueles que sofrem provação.

O autor da Carta aos Hebreus enfatiza o aspecto humano de Cristo encarnado para destacar a sua solidariedade com a humanidade. Cristo partilhou as mesmas realidades e assumiu um corpo frágil e mortal, sujeito à morte, que aqui é vista como instrumento do poder do diabo. No entanto, esta semelhança entre Jesus e qualquer outro ser humano também revela uma diferença fundamental: aquilo que foi uma provação comum afetou-o de forma distinta. A expressão «tinha de assemelhar-se em tudo aos seus irmãos» sugere um compromisso assumido livremente. Ao mesmo tempo, Cristo transformou a morte em instrumento de vitória sobre o diabo, permitindo a libertação daqueles que estavam sujeitos à escravidão pelo medo da morte, ao vê-la como um destino inevitavelmente negativo. Desta reflexão derivam duas conclusões. A primeira é a ausência de solidariedade com os anjos; a sua solidariedade foi com a família de Abraão, uma família humana. A segunda é que, ao ter passado pelo sofrimento, pode ser designado como «sumo sacerdote». Para isso, era essencial que assumisse plenamente a natureza humana, garantindo assim, em toda a sua plenitude, a relação dos seres humanos com Deus e «expiando os pecados do povo». Esta expressão refere-se a uma ação sobre a humanidade que transforma a sua condição pecadora, modificando a sua inclinação e cumplicidade com o pecado.

Evangelho (Lc 2, 22-40)

Ao chegarem os dias da purificação, segundo a Lei de Moisés, Maria e José levaram Jesus a Jerusalém, para O apresentarem ao Senhor, como está escrito na Lei do Senhor: «Todo o filho primogénito varão será consagrado ao Senhor», e para oferecerem em sacrifício um par de rolas ou duas pombinhas, como se diz na Lei do Senhor. Vivia em Jerusalém um homem chamado Simeão, homem justo e piedoso, que esperava a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava nele. O Espírito Santo revelara-lhe que não morreria antes de ver o Messias do Senhor; e veio ao templo, movido pelo Espírito. Quando os pais de Jesus trouxeram o Menino para cumprirem as prescrições da Lei no que lhes dizia respeito, Simeão recebeu-O em seus braços e bendisse a Deus, exclamando: «Agora, Senhor, segundo a vossa palavra, deixareis ir em paz o vosso servo, porque os meus olhos viram a vossa salvação, que pusestes ao alcance de todos os povos: luz para se revelar às nações e glória de Israel, vosso povo». O pai e a mãe do Menino Jesus estavam admirados com o que d'Ele se dizia. Simeão abençoou-os e disse a Maria, sua Mãe: «Este Menino foi estabelecido para que muitos caíam ou se levantem em Israel e para ser sinal de contradição; – e uma espada trespassará a tua alma – assim se revelarão os pensamentos de todos os corações». Havia também uma profetiza, Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser. Era de idade muito avançada e tinha vivido casada sete anos após o tempo de donzela e viúva até aos oitenta e quatro. Não se afastava do templo, servindo a Deus noite e dia, com jejuns e orações. Estando presente na mesma ocasião, começou também a louvar a Deus e a falar acerca do Menino a todos os que esperavam a libertação de Jerusalém. Cumpridas todas as prescrições da Lei do Senhor, voltaram para a Galileia, para a sua cidade de Nazaré. Entretanto, o Menino crescia e tornava-Se robusto, enchendo-Se de sabedoria. E a graça

de Deus estava com Ele.

A notícia da purificação de Maria e da apresentação de Jesus é ampliada pela atuação profética de Simeão, que interpreta e explica o significado destes acontecimentos. Os gestos inserem-se no contexto da religiosidade judaica, e todo o episódio está impregnado de referências ao Antigo Testamento. Segundo Levítico 12,3-8, a mulher judia que dava à luz permanecia em estado de impureza durante quarenta dias. Passado esse período, devia apresentar uma oferta no Templo para ser purificada. A oferta feita por Maria é a mínima permitida, pois ela submete-se a esta prescrição trazendo a oferta dos pobres. Por sua vez, o resgate do primogénito realizava-se um mês após o nascimento, em memória da última praga do Egito. No entanto, Lucas junta os dois rituais e não menciona o resgate do menino, mas sim a sua consagração a Deus, entendida como uma apresentação ao Senhor num sentido sacrificial. A cena é apresentada como o cumprimento de Malaquias 3,1-4, onde se anuncia a entrada de Deus no seu Templo para inaugurar um novo culto. É neste contexto que ocorre a revelação de Simeão, descrito como justo e piedoso. Estas qualidades são atribuídas a um judeu que vivia de acordo com a vontade de Deus revelada na Lei. A presença do Espírito Santo nele indica a sua capacidade de atuar profeticamente. A partir dessa inspiração, reconhece o menino e louva a Deus, dirigindo-se a Ele como Senhor da história, cuja salvação se realiza agora. Essa salvação é descrita como luz para os gentios e glória para Israel, conferindo-lhe uma dimensão universalista.

Deus nas letras humanas

Uma pequena luz

que vacila exacta

que bruxuleia firme

que não ilumina apenas brilha.(...)

Uma pequenina luz bruxuleante e muda

como a exactidão como a firmeza

como a justiça.

Apenas como elas.

Mas brilha.

Não na distância. Aqui

no meio de nós.

Brilha

Jorge de Sena

Avisos Paroquiais | 02 de Fevereiro a 9 de fevereiro

02 | Celebração da Apresentação do Senhor

Eucaristia com bênção da luz (início da eucaristia no exterior da Igreja) | 11:00 e
19:00

05 | Encontro com os responsáveis dos coros e organistas | 21:30

06 | Encontro com os pais do primeiro ano da catequese | 21:30

07 | Encontro com os pais do primeiro ciclo (2º, 3º, 4º ano de catequese) | 21:30

08 | Oração de Taizé na capela de Santa Maria Maior | 21:30

09 | V Domingo do tempo comum